

Procedimentos serão testados em animais

Projetos de pesquisa incluem testes com espermatozoides e preservação de gametas

A maior parte dos pacientes do novo Centro de Reprodução Humana não ficará no HC, mas no Centro de Bioterismo da Faculdade de Medicina da USP. São camundongos, ratos e hamsters que servirão de cobaias para pesquisas sobre infertilidade. “Toda tecnologia, antes de ser usada em seres humanos, vai ser extensivamente testada em animais, inclusive aquelas que já são aplicadas hoje e precisam ser aperfeiçoadas”, afirma Jorge Hallak.

Dois projetos deverão ter início já nos próximos meses, a partir da chegada de novos equipamentos no biotério. O primeiro servirá para o desenvolvimento de uma nova técnica de medição da capacidade de penetração do espermatozoide no óvulo. O teste, hoje usado apenas no Baylor College, nos EUA, consiste em colocar espermatozoide humano com óvu-

los de hamster em incubadoras por um certo período, de forma a medir o potencial de fertilização dos espermatozoides. “Vamos desenvolver um teste para dizer quais pacientes, entre aqueles que têm indicação para reprodução assistida, podem se beneficiar da ICSI e quais não precisam ir tão longe, usando apenas inseminação intra-uterina ou fertilização in vitro clássica”, explica Hallak.

Outra linha de pesquisa vai trabalhar com a criopreservação de gametas, embriões e tecidos específicos do testículo e ovário. A técnica – ainda experimental, na maioria dos casos – é especialmente interessante para preservar a capacidade reprodutiva de pacientes de câncer que precisam ser submetidos a radioe-

quimioterapia, que frequentemente resultam em esterilidade. “Vamos criar protocolos de congelamento aqui, com material animal, para depois iniciar os serviços no centro”, afirma o biólogo e especialista em criopreservação animal Luiz Afonso Pires, que coordenará a pesquisa no Centro de Bioterismo.

No atendimento do centro, todos os pacientes homens terão seu esperma analisado e as informações serão catalogadas para determinar o padrão de esperma da população. “Não existe no Brasil nenhum estudo epidemiológico que mostre como é o esperma do brasileiro. É igual ao dos russos, ou dos franceses? Não sabemos”, explica Sami Arap. Ou seja, não há como saber se o esperma de um paciente está dentro ou fora do normal da população, pois não há

Paulo Pinto/AE

padrão de comparação. Os resultados também serão importantes para determinar a influência de fatores ambientais e alimentação na fertilidade masculina.

“Hoje temos que usar padrões americanos e europeus”, afirma Hallak. Segundo ele, os números apresentados para formulação de políticas públicas em reprodução humana no País hoje “não refletem a realidade”. “O País precisa de números mais confiáveis.” (H.E.)

NO BRASIL
FALTA ESTUDO
PARA
COMPARAR



Incubadoras para animais SPF matrizes: isolamento absoluto